



JESUS, O BOM PASTOR, ENQUANTO FUNDAMENTO E MODELO DA AÇÃO PASTORAL EM VISTA DA FORMAÇÃO DO REINO DE DEUS

(Jesus, the Good Shepherd, as a foundation and model of pastoral activity due to the formation of the Kingdom of God)

Susana Aparecida da Silva*

Mestranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade desenvolver um estudo na perspectiva da teologia prática-pastoral acerca do *pastoreio* de Jesus. Tendo o *Bom Pastor* como modelo de agente pastoral e com base nos recentes documentos do *Magistério* acerca da pastoral do presbítero, o texto visa tratar do *Bom Pastor* na perspectiva teológico-prática da ação evangelizadora da Igreja em vista da formação do Reino de Deus.

Palavras-chave: Teologia Pastoral, Bom Pastor, Agente Pastoral, Reino de Deus.

ABSTRACT

This paper develops a study on pastoral theology perspective about the Jesus *pasturing*. Having on sight the *Good Shepherd* as model of pastoral agent and based in Magisterium recent documents concerning the priest ministry, the text aims the *Good Shepherd* in theological and practical perspective of the evangelizing action of the Church in view of the Kingdom of God formation.

Keywords: Pastoral Theology, Good Shepherd, Pastoral Agent, Kingdom of God.



INTRODUÇÃO

A figura do *Bom Pastor* no Antigo Israel, uma nação de criadores nômades de gado de pequeno porte, ganha nuances religiosos. Já nesse Israel primitivo, Deus é o *Bom Pastor* que conduz seu rebanho, velando e protegendo-o. Deus encarrega uma parte de sua autoridade ao chefe temporal e religioso, chamado de *Bom Pastor* do povo, sendo modelo o seu Filho¹. O Filho veio e vem porque é constantemente enviado pelo Pai (cf. Jo 3,16). Desde sempre, Ele é motivado pelo desejo de pôr-se ao lado do ser humano para fazê-lo superar a solidão, pois o ser humano tem necessidade dele, mesmo que não o saiba ou reconheça. A aceitação de seu plano traz salvação e introduz um novo modo de viver do ser humano, que pode ser aceito ou recusado. Tal atitude é a recusa amorosa de Deus, manifestada na intervenção do seu enviado². Mas essa atitude do Bom Pastor não tem somente uma finalidade de alcance individual. Além de uma perspectiva pessoal, que toca no coração de cada homem de uma forma profunda e irresistível, o pastoreio de Jesus visa o reordenamento da sociedade segundo os princípios que regem as suas relações mais entranhadas com cada indivíduo. O pastoreio de Jesus revela, assim, uma dimensão social que os evangelistas transcreveram com a figura do rebanho, em um plano mais restrito, mas de forma mais ampla, na figura do *Reino de Deus*. Esta expressão é fundamental para o entendimento da missão de Jesus enquanto pastor na leitura dos Evangelhos, uma vez que, ocorrem sessenta e oito vezes em dez livros do Novo Testamento. O pastoreio de Jesus não visa um sistema político, pois não é comparável de forma apropriada aos reinos *deste mundo* (cf. Jo 18,36), mas objetiva uma associação de pessoas com vínculos ainda mais profundos do que uma mera união cívil, pois é um reino no interior dos corações, um reino que estipula a regra do amor mútuo como sua lei fundamental. A fim de que o pastoreio efetivo perpassasse toda a História, Jesus convocou seus discípulos para perpetuarem, quais novos pastores, a pregação formarem o Reino. A relação reino-rebanho, torna-se assim relação rei-pastor, que não se finaliza com o pastoreio *exemplar* de Jesus ao longo da História, no sentido de uma conduta a ser imitada, mas na continuação perpetuada da ação de Jesus através dos seus discípulos, em um ministério constituído pelo próprio *Senhor*. Tal é a missão dos fieis seguidores do *Bom Pastor*, especialmente dos



presbíteros, que possuem o múnus específico da instauração do *Reino* e do pastoreio do rebanho de Jesus.

1. JESUS: O BOM PASTOR

A intervenção de Jesus na história é o *signal* de sua força, manifestada no milagre, sendo que a estrutura do milagre oferece informações eficazes: de necessidade, medo, perigo, sofrimento, que ocorrem numa situação de superação desses aspectos de carência (cf. Jo 10,11.14-15; 11,25-26; 14,6). Jesus manifesta o que Deus Pai entregou à humanidade na sua própria pessoa (Filho). Jesus é pastor, ressurreição e vida. Agora os homens desfrutem dos bens da sua presença (vir a Ele, crer n'Ele, segui-Lo, permanecer n'Ele)³.

Os dons da Nova Aliança são pautados no conhecimento de Deus e na Lei, como fruto e vida. “Tudo isso presente na pessoa de Jesus é comunicado de modo interno e orgânico, simbolizado pelo relacionamento entre a videira e os ramos”⁴. O *Bom Pastor* Jesus comunica vida em abundância (cf. Jo 10,10). Este é um aspecto de seu ser e de sua missão: *ser vida* e comunicar *vida eterna*. Tal é a missão de todo *bom pastor* e *agente pastoral*: comunicar vida, vida de Deus, com tudo o que diz, faz e é⁵.

Todavia, diante da revelação do Filho de Deus na História, o ser humano é convidado a acolher a Salvação, numa aceitação e adesão à vida. “Modelo disso é o comportamento do próprio Filho, que faz coincidir a sua vontade com a vontade do Pai, na aceitação, cumprimento de sua missão: *sua comida é fazer a vontade do Pai*” (cf. Jo 4,34)⁶. Toda ação que Jesus realiza é agradável ao Pai. Em Jo 12,49, Jesus executa o plano do Pai, transmite o ensinamento a serviço da vida.

Tanto a autoridade de Jesus, como seu comportamento, tornam-se fundamento de obrigação moral, critério de escolha: é imitá-lo. Ou seja, o seu mandamento é a plataforma para a verificação do amor autêntico do discípulo⁷.

Dessa forma, o comportamento de Jesus fundamenta uma nova antropologia com evidentes consequências soteriológicas. A fé, atitude originada no amor do Pai, requer do homem uma



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 8, n. 13, jul/dez, 2014, p. 242-261.

concreta adesão à identidade de Jesus. O Pai ama Jesus. Jesus ama os discípulos. Os discípulos devem amar-se uns aos outros. Esta é, pois, uma realidade nova que tem a força de tornar-se sinal (cf. Jo 13,36) e de fazer superar a morte (cf. 1Jo 3,14). O amor é *fruto* da fé (cf. Jo 15,8), quem crê em Jesus e ama os irmãos *conhece a Deus*, porque só conhece a Deus *quem observa os seus mandamentos* (cf. 1Jo 2,3), ou seja, quem faz o mesmo que Jesus. *Ele deu a vida por nós, desta forma devemos dar a vida pelos irmãos* (cf. 1Jo 3,16). Ao contrário, *quem não ama não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor* (cf. 1Jo 4,8). Essa dimensão antropológica da fé em Jesus coincide com a crítica à falsa religião meramente normalista, sintetizada em Os 6,6: *Eu quero amor e não sacrifícios*⁸.

Portanto, “a ética joanina é a ética fundamental do amor que tem por modelo o dom da vida de Jesus, a fé como testemunho para todos”⁹. Amor é o plano de Deus para seus filhos, plano que deve ser assumido decididamente, em luta contra a força maléfica que nos impele na direção contrária. Conclusivamente, *o amor e a fé vencem o mundo* (cf. 1Jo 5,4).

2. O PASTOREIO ORIENTA A PRÁXIS EVANGELIZADORA

Todo indivíduo é chamado, diariamente, a dar resposta à oferta de Deus em Cristo *Bom Pastor*, numa dimensão individual do empenho moral requerido pelo ensinamento joanino¹⁰. O amor mútuo ensinado por Jesus é decisivo para a atitude responsável. “A Igreja e o cristão são continuamente enviados ao mundo *para que o mundo creia*, e essa fé nasce precisamente de uma práxis do amor”¹¹.

Segundo Fuentes, o ministério da Igreja, povo de Deus, é a pastoral sob o impulso do Espírito Santo, que atualiza a práxis evangelizadora de Jesus, voltada para a edificação dela mesma e para expansão do Reino de Deus no mundo.

Nesse sentido a Igreja, *diácona* por natureza, expressa seu ministério como comunidade de servidores, convertendo-se de ser vida, para servir (cf. Mc 10,45). Ou seja, ação de todo o povo de Deus, de todos os membros da comunidade crente, desde seus carismas e vocações



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 8, n. 13, jul/dez, 2014, p. 242-261.

específicas, por meio de sua cooperação livre e responsável, na resposta à comunhão e ao serviço, na edificação da fé¹².

A *pastoral* associa-se à figura do *Bom Pastor*, metáfora que Jesus usou de forma privilegiada em suas parábolas para definir as relações d'Ele com sua primeira comunidade. Toda *pastoral* da Igreja é reprodução e perpetuação da ação *pastoral de Jesus Cristo: modelo de Bom Pastor*.

Para Libanio, a *pastoral* se fundamenta como ação religiosa que se demonstra no ensinamento da doutrina e no exercício das virtudes, na piedade de suas ações de culto, no cumprimento das obrigações religiosas e morais¹³.

Segundo Graf, a teologia prática não pode ficar somente no ofício do *pastor*. Ao contrário: deve ir ao fundamento, para mostrar como tudo tem sua origem no ser e na vontade de Cristo. O refletir como Cristo, tanto a Igreja realiza a meta do plano divino de salvação. A ação pastoral deve ser sempre confrontada com Cristo por meio da ação do Espírito Santo¹⁴.

Por conseguinte, na *pastoral*, gritar a boa notícia é o mesmo que evangelizar. Qual o grito evangelizador de Jesus? *Completo-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede na Boa Notícia* (cf. Mt 1,15). Isso diz que o tempo de Deus chegou à sua plenitude. Deus entra no mundo para administrá-lo, ou seja, por meio do seu Filho: Messias, *pastor*. É preciso retornar a Deus e abrir o coração para receber as boas notícias que Jesus nos traz da parte de seu Pai. Jesus anuncia a Boa-Nova do Reino. “Todo seu ser, em pessoa, é a Boa Nova, o Evangelho vivente do Pai”¹⁵.

Entretanto, nas realidades pastorais, o *pastor* com interesse dedica-se ensinando e educando o seu rebanho. Jesus é o evangelizador, o mestre que ensina a sua Boa Notícia, com suas palavras, atitudes e conduta. “Ele mesmo converteu-se em um livro aberto em que seus discípulos podem ler e aprender a ciência da vida”¹⁶.

O serviço *pastoral* exige motivação para um autêntico sentido missionário, um olhar atual sobre as situações que afetam e desafiam a vida em sua inserção cultural, que incidem sobre a existência.



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 8, n. 13, jul/dez, 2014, p. 242-261.

Restaurar a unidade concerne a toda a Igreja, tanto aos fiéis quanto aos pastores, tanto no que se refere à vida cristã como no que diz respeito aos estudos teológicos e históricos. “Juntamente com a oração pública pela unidade dos cristãos, é considerada a conversão de coração, a santidade da vida, como a alma do movimento ecumênico e denominado ecumenismo espiritual”. É costume dos cristãos (católicos) de se unirem para orar pela unidade da Igreja, repetindo a oração com que o próprio Filho *Pastor* suplicou ao Pai, nas vésperas de sua morte: *Para que todos sejam um* (cf. Jo 17,21)¹⁷. Todavia, na ação *pastoral* um dos primeiros desafios é o ecumênico: a unidade com todos os que creem em Jesus Cristo. A divisão é escândalo entre os cristãos que interpela a dar passos consistentes¹⁸.

A missão renova a Igreja e revigora a fé, a identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações. É na fé que se fortalece! A *nova evangelização* dos povos cristãos empenha-se pela missão universal¹⁹.

Desde o momento da encarnação, Jesus está possuído pelo Espírito Santo. Esta possessão revela-se desde o início de seu ministério: *Logo depois, o Espírito o fez sair para o deserto* (Mc 1,12). Ou seja, o Espírito é precursor, acompanhante e continuador de seu serviço pastoral: *O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres* (Lc 4,18). Antes de Jesus chegar, o Espírito já está presente; quando Jesus atua, *o Espírito fecunda-o e quando Ele se vai, o Espírito prolonga sua obra* (Jo 16,5-15)²⁰.

O empenho em sermos irmãos uns dos outros é o de ajudar-nos mutuamente no caminho que se direciona a Jesus. Dessa forma, o serviço pastoral consistiria em escutar juntos e em procurar *juntos a vontade de Deus*. A *pastoral* aponta valores que premiam as ações: vida em comum, confiança, esperança e amor, compartilhados²¹. A experiência *pastoral* oferece elementos que ajudam na maturidade humano-afetiva e espiritual, vai se tornando o eixo integrador de todo o processo de formação. Podemos destacar três componentes essenciais do ministério *pastoral*: práxis²², reflexão²³ e mística²⁴. São instrumentos que integram o serviço *pastoral* com qualidade, eficiência e responsabilidade, repercutindo na vida do neófito.

Fuentes, recordando Paulo (apóstolo-missionário), diz que *Bom Pastor* é um homem em cujo coração, mente, ossos e sangue Jesus entrou, tanto que respira Jesus, pensa e sente por meio do



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 8, n. 13, jul/dez, 2014, p. 242-261.

filho Jesus. Pode-se dizer que a *espiritualidade pastoral* é o conjunto de convicções de fé, motivações, opções, atitudes e valores que animam todo *agente de pastoral* no desempenho de seu serviço e de vivê-lo como experiência de Deus realizando no espírito de Jesus, *Bom Pastor*²⁵.

Entretanto, todo exercício de coordenação é importante na ação pastoral, serviço necessário, exigente e pouco conhecido e valorizado. A necessidade de conhecer sua natureza e mística deve animar quem a exerce. Esse ministério é, antes de tudo, competência do bispo, cuja atividade de *Bom Pastor* deve ser de coordenação e animação dos distintos carismas que o Espírito suscita na Igreja particular. Mas, é de todos os pastores e de muitos agentes de pastoral que, em distintos graus e âmbitos, contribuem na missão evangelizadora da Igreja. Reunir e orientar ações diversas dirigidas a fim de alcançar, no serviço, a unidade, a comunhão e a missão²⁶.

No plano educativo, a família exerce e imprime função fundamental: forma o homem para a plenitude da sua dignidade pessoal, segundo todas as suas dimensões, inclusive, a social. A família constitui uma comunidade de amor e solidariedade, insubstituível para o ensino e a transmissão dos valores culturais, éticos, sociais, espirituais e religiosos, essenciais para o desenvolvimento e bem estar de seus próprios membros e da sociedade. O amor dos pais, pondo-se a serviço dos filhos para ajudá-los a assimilar deles o melhor de si, encontra sua plena realização na missão educativa. O amor dos pais torna-se alma e, portanto, inspira e guia toda a ação educativa, enriquecendo-a com aqueles valores de constância, bondade, serviço, desinteresse, espírito de sacrifício, que são o fruto do amor. Portanto, a família evidencia-se, no desígnio do Criador, como lugar primário da humanização da pessoa e da sociedade e berço da vida, do amor. A família é comunidade natural que possibilita experimentar a sociabilidade humana, e contribui de modo único para o bem da sociedade. A comunidade familiar é o núcleo que nasce da comunhão de pessoas e exerce a missão de pastoreio²⁷.

Portanto, a reflexão teológica sobre o conjunto das atividades tem a finalidade de definir como natureza da Igreja, tal impulso determina o desenvolvimento da teologia *pastoral*. O objeto é posto na vida e na ação da Igreja, fazendo com que a concepção de Igreja se revista de um significado decisivo²⁸.



3. A ESPIRITUALIDADE NO PASTOREIO

A própria espiritualidade cristã nos propõe a vida segundo o Espírito de Jesus, pois, o seguimento supõe um esforço para viver como Ele viveu, fazendo suas nossas atitudes e prosseguindo a sua causa. É o modo concreto de viver a condição de batizados e viver o Evangelho: na Igreja e a partir dela, em tempo e lugar determinados. É o processo de seguimento de Jesus *Bom Pastor* sob o impulso do Espírito e a orientação da Igreja²⁹.

A vida espiritual do agente pastoral exige algumas características essenciais: primeiro, *vida teologal*, ou seja, uma espiritualidade fundamentada nas virtudes teologais, fé, esperança e caridade; segundo, *eclesialidade*, ou seja, união com a comunidade; terceiro, *sacramentalidade*, vivência dos sacramentos e da oração; quarto, *dimensão missionária*, ou seja, sede de anunciar o Reino; quinto, *compromisso transformador*, ou seja, responsabilidade social com uma clara e efetiva opção preferencial pelos pobres³⁰.

Entretanto, os *pastores* presbíteros reservam tempo para sua formação permanente³¹, porque cultivam uma vida espiritual que incentiva os demais *pastores* presbíteros, centrada na escuta da Palavra de Deus³², na celebração diária da Eucaristia. Na atual fase da vida da Igreja e da sociedade, os presbíteros³³ são chamados a viver em profundidade o seu ministério, tendo em conta exigências profundas, numerosas e delicadas de ordem não só pastoral, mas social e cultural³⁴.

O serviço *pastoral* é assunto de todos os batizados: bispos, presbíteros e diáconos, religiosos(as), leigos(as) para dedicar-se ao serviço do Reino de Deus, tais atividades atribuídas por em prol da vida.

Mas, a pastoral compreende um conjunto de métodos, técnicas para evangelizar. Desta forma, competem à organização, os planos e os programas. Já a conversão e a transformação da realidade surgirão como frutos. Tal é aplicação prática do dogma, da moral e do direito canônico por parte dos *pastores* na orientação de seus paroquianos: é uma função orientada para conservar



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 8, n. 13, jul/dez, 2014, p. 242-261.

os costumes e as tradições religiosas do povo, manter a fé *simples* das pessoas, seus sentimentos religiosos, suas devoções e manifestações de piedade³⁵.

No *Diretório para o ministério e a vida do presbítero* afirma-se que tanto a identidade, quanto o ministério e a existência do presbítero estão, portanto, essencialmente relacionados com as três Pessoas Divinas, em ordem ao serviço sacerdotal à Igreja (n. 3). Isso exige do sacerdote a graça e o caráter indelével, conferido mediante a unção sacramental do Espírito Santo, colocando em relação pessoal com a Trindade. Tal relação deve ser necessariamente vivida pelo presbítero de uma maneira íntima e pessoal, em diálogo de adoração e de amor com as Três Pessoas Divinas, consciente de que o dom recebido lhe foi dado para o serviço de todos³⁶.

Jesus em oração pediu ao Pai, *Bom Pastor* supremo, pelos seus Apóstolos e por todos aqueles que iriam participar da sua missão. A oração de Jesus no Getsêmani, orientada ao sacrifício sacerdotal do Gólgota, manifesta de modo paradigmático como o sacerdócio vincula-se à oração. Para realizar o ministério *pastoral*, o sacerdote tem necessidade de entrar em particular e profunda sintonia com Cristo *Bom Pastor*, o qual permanece sempre o único protagonista de toda a *ação pastoral*. A vida espiritual, encarnada na existência de cada presbítero mediante a liturgia, a oração pessoal, o estilo de vida e a prática das virtudes cristãs, contribui para a fecundidade da ação ministerial. A própria conformação a Cristo exige um clima de amizade e de encontro pessoal com Jesus, o serviço à Igreja, que o sacerdote demonstrará amar, mediante o cumprimento fiel e incansável dos deveres do ministério pastoral³⁷.

4. O PASTOREIO CONDUZ OS HOMENS À VIDA DA GRAÇA

A *caridade pastoral* constitui o princípio dinamizador capaz de unificar as múltiplas e diversas atividades pastorais do *Bom Pastor* presbítero³⁸ e, dado o contexto sociocultural e religioso no qual vive inserido, é instrumento indispensável ao agente pastoral para conduzir os homens à vida da graça. Assimilar a *caridade pastoral* de Cristo *Bom Pastor*, de maneira a torná-la a própria vida, é uma meta que exige do *Bom Pastor* presbítero empenho contínuo, sem improvisos³⁹.



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 8, n. 13, jul/dez, 2014, p. 242-261.

O ministério *pastoral* é alicerçado na fé, orientado pela esperança e consumado no amor. O *agente pastoral* assume a experiência de Deus, como dom de Deus, que se dá a nós em Jesus, sustentado pela convicção de que Ele, o *pastor*, continua atuando na Igreja e por meio dela, sinal da salvação universal. Apesar das dificuldades obscuras e na certeza de que o mal que combatemos jamais nos poderá vencer é que o *agente pastoral* realiza ação que dará fruto. Mesmo que nunca o possamos constatar, serão cumpridas as promessas de Jesus e expresso por meio da entrega consciente, livre e criativa à edificação de seu Reino de Deus. É importante a tridimensionalidade da vida teológica que interfere e determina em cada pessoa e em cada contexto: fé, esperança e caridade, expressões concretas, marcadas pelo aqui e agora⁴⁰.

Cristo *Bom Pastor* confiou aos apóstolos a missão de pregar a Boa Notícia a todos os homens, transmitindo-lhes a fé (revelar, anunciar e aprofundar a vocação cristã). Sendo que Deus dirige-se a cada homem, manifestando-lhe o mistério da salvação⁴¹.

O elemento fundamental do *ministério presbiteral* forma-se no serviço da Palavra, ou seja, o coração é o centro vital que se constitui pela eucaristia, memorial sacramental da *morte e ressurreição de Cristo*, atualização real e eficaz no único sacrifício redentor, fonte e cume da vida cristã e de toda a evangelização. Tanto que a eucaristia é princípio, meio e fim do ministério sacerdotal, uma vez que os ministérios eclesiais incluem-se nele. Há uma conexão entre a centralidade da *eucaristia*, a *caridade pastoral* e a *unidade de vida do presbítero*, o qual encontra nela as indicações decisivas para o itinerário de santidade a que é especificamente chamado⁴².

No entanto, os apóstolos ou aqueles que os sucedem na missão, como Cristo, são enviados a realizar a obra de reconciliação do homem com Deus, chamando-os (pecadores) à conversão e a reconduzindo-os ao Pai, mediante o julgamento de misericórdia. Tal ação restabelece a amizade com Deus Pai e com todos os seus filhos na sua família que é a Igreja, a qual rejuvenesce, sendo edificada em suas dimensões: universal, diocesana, paroquial. Porém, o presbítero, como todo cristão batizado, tem necessidade de confessar os próprios pecados e as próprias fraquezas. Sendo que o presbítero o primeiro a praticar desse sacramento que o fortalece na fé e na caridade para com Deus e para com os irmãos⁴³.



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 8, n. 13, jul/dez, 2014, p. 242-261.

Como exercício paralelo ao sacramento da reconciliação, o presbítero⁴⁴ exerce o ministério da direção espiritual. A descoberta e a difusão desse exercício, em momentos diversos da administração da penitência, é um grande benefício para a Igreja no tempo presente. A disponibilidade dos presbíteros para praticá-la constitui uma ocasião determinante a sustentar as vocações ao sacerdócio. Tanto que os presbíteros fazem a direção espiritual⁴⁵.

Isso se aplica a todo *agente de pastoral*, a partir da perspectiva entendida como um modo específico de viver nossa condição de filhos de Deus, no desempenho do serviço pastoral, realizado no Espírito de Jesus, o *Bom Pastor*. Todo ministério pastoral brota de uma experiência do Deus Trindade: experimenta-se o Pai que é quem nos chama a colaborar no plano da salvação; experimenta-se o Filho, cuja presença e práxis atualizamos; e experimenta-se o Espírito Santo, sob cujo impulso agirmos. E assim, comprometidos com o exercício da diaconia, constituído pela fonte e o fundamento da espiritualidade pastoral, o viver em Deus Trindade⁴⁶.

O presbítero possui exigências típicas do seu ministério: cuidado pela comunidade que lhe foi confiada e o testemunho da caridade. O presbítero existe e vive para a comunidade, por ela reza, estuda, trabalha e se sacrifica; por ela está disposto a dar a vida, amando-a como Cristo *Bom Pastor*, empenhando-se com todas as forças e sem limites de tempo por torná-la, à figura da Igreja esposa de Cristo, bela e digna da complacência do Pai e do amor do Espírito Santo. Na prática do seu ministério, deve servir sempre em comunhão com o Papa, com os bispos, com os outros irmãos no presbitério, bem como com os fieis consagrados pela profissão dos conselhos evangélicos⁴⁷.

Profundas motivações teológicas e pastorais sustentam celibato e sacerdócio. Há casos dolorosos e negativos, porém ainda hoje se confirma o seu valor espiritual e evangélico. A Igreja, no Concílio Vaticano II e o Magistério Pontifício, reafirmaram a “firme vontade de manter a lei que exige o celibato livremente escolhido e perpétuo para os candidatos à ordenação sacerdotal no rito latino”⁴⁸.

Como todo o valor evangélico, o celibato consagrado deve ser vivido como ação libertadora e testemunho de radicalismo no seguimento de Cristo e sinal da realidade escatológica. Diante da disciplina eclesial, manifesta a vontade do sujeito, expressada pela disponibilidade à vontade da Igreja, e encoraja a sua razão última no laço estreito que o celibato tem com a ordenação



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 8, n. 13, jul/dez, 2014, p. 242-261.

sagrada, que configura o sacerdote a Jesus Cristo. Portanto, o celibato é dom de si *em e com* Cristo à sua Igreja e exprime o serviço do sacerdote à Igreja *em e com* o Senhor⁴⁹.

Contudo, a obediência ao Pai está no próprio coração de Cristo. Tal obediência exprime a vontade de Deus que é manifestada ao presbítero através dos legítimos superiores. A disponibilidade é entendida como uma verdadeira realização da liberdade pessoal, baseada em uma escolha amadurecida diante de Deus na oração.

O *pastor presbítero* está a serviço da Igreja particular em unidade com o Bispo, que tem sobre ela todo o poder ordinário próprio, necessário para o exercício do seu *múnus pastoral*.

O cumprimento da obediência alimenta a comunhão eclesial, sendo os constituídos em autoridade, “os Ordinários e os superiores maiores dos institutos religiosos e das Sociedades de Vida Apostólica, além de oferecer o constante exemplo pessoal, devem exercer com caridade o seu carisma institucional, quer prevendo, quer pedindo, nos modos e ocasiões convenientes, a adesão a todas as disposições no âmbito disciplinar magisteria”⁵⁰.

Todavia, a liturgia é o exercício do sacerdócio de Cristo, “o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte da qual provém toda a sua virtude”⁵¹, sendo necessário que os sacerdotes, no exercício do seu ministério, não só participem responsabilmente na definição dos planos pastorais que o Bispo determina, mas harmonizem as realizações práticas na própria comunidade. Numa sociedade secularizada, materialista, na qual os sinais externos das realidades sagradas tendem a desaparecer, o presbítero seja reconhecível pela comunidade, pela dedicação e identidade de depositário de um ministério público⁵².

A pobreza de Jesus tem uma finalidade salvífica: através da condição de pobre, manifesta que tudo recebeu do Pai, desde a eternidade, e tudo lhe restitui, até a oferta total da sua vida. Há também uma relação essencial entre a mãe de Jesus e o sacerdócio dos ministros do Filho, da qual deriva a maternidade divina e o sacerdócio de Cristo, ou seja, relação enraizada na espiritualidade de todo presbítero. Os presbíteros acolhem Maria como sua mãe na própria vida, fazendo-a objeto de contínua atenção e oração. Ela é a mãe que os conduz a Cristo, que os faz amar autenticamente a Igreja e que intercede por eles, e os guia para o Reino dos céus. Maria, por



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 8, n. 13, jul/dez, 2014, p. 242-261.

ser mãe, é a eminente formadora, a qual modela o coração sacerdotal com materna solicitude, para crescer em sabedoria, idade e graça, diante de Deus e dos homens (cf. Lc 2,40)⁵³.

Portanto, a espiritualidade na ação da Igreja inspira a prática pastoral daquele que é o único *Bom Pastor*. Jamais poderia ser de outro modo, pois aqueles que chamamos pastores e agentes de pastoral têm seu *ser e agir* no comportamento de quem se autodefiniu o *Bom Pastor*. No entanto, é um desafio em nosso mundo urbano e industrial. De fato, a figura do *Pastor* reflete uma cultura rural e pastoril muito distante da realidade presente. Ou seja, para descobrir sua atualidade faz-se necessário manter o foco na práxis de Jesus, em seus grandes eixos e características fundamentais⁵⁴.

5. O PASTOREIO NA DIMENSÃO DO TRÍPLICE MÚNUS

O ministério de Jesus possui dimensões fundamentais⁵⁵ nas quais estabeleceu seu próprio ser de profeta, sacerdote e rei, de modo original. Essa tridimensionalidade de seu ser e ministério constitui o núcleo do serviço da Igreja atual⁵⁶, assim como o dinamismo da espiritualidade.

Jesus foi profeta, mas não à maneira dos antigos profetas. Ele foi um profeta do Reino. Sua missão essencial é a de anunciar o Reino de Deus, ou seja, seu reinado definitivo no mundo; e denunciar tudo o que se opõe ou dificulta esse reinado. Este é o conteúdo básico da pregação de Jesus e torná-lo visível, por meio dos sinais, é sua intenção principal. Jesus foi Rei (cf. Jo 18,33-37), mas não à maneira dos reis do povo de Israel, mas, um *rei-pastor-servidor*. Veio ao mundo para ser testemunha e servo da verdade (cf. Jo 18,37)⁵⁷.

Cristo é o Sumo Sacerdote dos bens definitivos em Hebreus (2,5-18; 5,1-10; 7,1-28; 10,1-35). Seu sacerdócio é existencial, jamais ritual. A condição que Jesus Cristo assumiu como sacerdote não foi uma segregação do profano, mas aproximar-se dos demais, tornar-se semelhante aos que sofrem e igualar-se a todos. Jesus Cristo não se realizou mediante determinados ritos, cerimônias sagradas, mas em virtude de seus próprios sofrimentos e por meio de sua existência totalmente entregue: “O filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 8, n. 13, jul/dez, 2014, p. 242-261.

de muitos.” (Mc 10,45). O sacerdócio se processou na realização de uma existência totalmente entregue aos demais e, sobretudo, em sua morte, por fidelidade a Deus, e para bem do ser humano. Jesus fez de toda a sua vida uma oferenda agradável a Deus: “Esse foi o culto que lhe ofereceu” (Rm 12,1)⁵⁸.

As dimensões fundamentais do ministério em Jesus correspondem aos eixos de sua espiritualidade, formando um todo indivisível. O amor filial ao Pai, a docilidade incondicional ao Espírito, a paixão pelo Reino, a comunhão com seus discípulos e a atenção aos pobres são as forças que originam, orientam e sustentam toda a práxis pastoral de Jesus. Esta experiência é a fonte de onde brotam atitudes básicas e opções fundamentais⁵⁹.

A Boa-Nova do Reino é a revelação do coração paternal de Deus e a exigência de que devemos viver como irmãos: “O que eu vos mando é que vos ameis uns aos outros” (Jo 15,17). Porque no exercício de seu ministério vivia na presença do Pai e afastava-se com frequência para estar a sós com ele (cf. Lc 6,12; 9,18), Jesus soube conciliar ministério e momentos de oração, nos quais cultivava a comunhão com seu Pai. Aliás, é dessa entrega filial surgirá toda a fecundidade de seu ministério pastoral⁶⁰.

CONCLUSÃO

Concluimos que o Reino de Deus é a finalidade do ministério *pastoral* de Jesus. A instauração do Reino constitui seu plano *pastoral* que consiste em revelar a presença transformadora de Deus no mundo, tanto na história como no coração de cada pessoa. A missão dá sentido a toda a sua vida, atividade e destino. E é, ao mesmo tempo, dom gratuito de Deus e chamado exigente, de conformidade ética com seu desígnio de vida: espiritual, histórico, social e estrutural.

Realiza-se no tempo presente com o cumprimento nos novos céus e na nova terra. É um dom, uma conquista, um valor supremo que todo seguidor seu busca (cf. Mt 6,33); a conversão é condição para conquistá-lo (cf. Mc 1,15), é sua espiritualidade, marcada por *sua paixão pelo*



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 8, n. 13, jul/dez, 2014, p. 242-261.

Reino, que leva a criatividade entregue ao anúncio e prática dos valores essenciais da realidade: amor, verdade, vida, justiça, paz, liberdade⁶¹.

Para realizar a antecipação do Reino de Deus, Jesus *constituiu* doze discípulos, *deu-lhes o nome de apóstolos* (cf. Lc 6,13), dedicou-lhes parte de seu tempo e os capacitou para formar fraternidade com Ele e servir em seu nome, pregando e expulsando demônios.

A comunidade que Jesus formou tem sua origem no chamado e na revelação de seu Pai e do Reino. Os discípulos agrupam-se em torno do Mestre e ajustam sua conduta e valores com os valores do Reino. A *formação de seus discípulos* implicou uma pedagogia e uma mística específica, que praticou o itinerário de fé no seguimento, modelo, discernimento, escuta e observação participante. A parábola do bom samaritano é um retrato falado do modo de proceder de Jesus com os pobres e conosco⁶².

O objeto único e central do crer é Jesus. O crer se qualifica como ação que nos coloca em relação com a pessoa e com seu mistério. Ou seja, a fé é sempre num sentido *o mistério da salvação*; o único objeto da fé é Jesus. A fé é a atividade fundamental do cristão, aquela que o torna livre, prolonga a presença contínua de Cristo, a atividade dos seus apóstolos, quando o recebem, ouvem-no, e o aceitam.

A missão de libertar e de curar fez parte de seu ministério: Jesus serve todos os necessitados em sua alma ou em seu corpo, curando-os e libertando-os do mal, da enfermidade física, do pecado, do demônio, da incredulidade e do temor, do apego a bens terrenos, do fundamentalismo da lei, de escravidões legalistas, do desprezo por motivos da observação raciais, políticos, da ignorância religiosa, da morte, da discriminação feminina, da discriminação religiosa, do excesso de preocupações, da angústia por haver pecado⁶³.

Os que creem compreendem o significado da existência humana à luz da palavra: Jo 3,16. Este é o sentido do homem à luz da fé: ser amado por Deus para a vida.

Portanto, conhecer a identidade de Deus é ler a causa da morte de Jesus: sinal da realização da missão messiânica e fundamental no serviço da ação pastoral. O amor do Pai torna-se fonte de salvação acontece no momento em realiza a sua missão fundamental, consiste em manifestar aos



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 8, n. 13, jul/dez, 2014, p. 242-261.

homens, mediante a sua doação, o amor do Pai. A cena diante de Pilatos constitui o sinal em que o historiador compreende a morte.

O crente, ao contrário, compreende que a realização da verdadeira missão de Jesus é o seu triunfo. Pois, no interior de cada *agente de pastoral*, ou seja, na espiritualidade que lhe dá vida, dinamismo, como bem assinalou o papa Paulo VI em sua carta magna da evangelização, “é o Espírito Santo que impele para anunciar o Evangelho, como é Ele que no íntimo das consciências leva a aceitar a Palavra de Salvação”⁶⁴.

BIBLIOGRAFIA

BENTO XVI. Exortação apostólica pós-sinodal “*Verbum Domini*”. Ao Episcopado, ao Clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos. Sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo, Paulinas, 2010.

BIZON, José. DARIVA, Noemi. DRUBI, Rodrigo. *Ecumenismo 40 anos do decreto “Unitatis Redintegratio”, 1964-2004*. São Paulo, Paulinas, 2008.

CARTA ENCÍCLICA DE JÃO PAULO II “*Redemptoris Missio*”. *A validade permanente do mandato missionário* Paulinas, São Paulo, 1991.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, n. 94. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. 2011-2015*. São Paulo, Paulinas, 2011.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2000.

COLLANTES, Justo (Org.). *A FÉ CATÓLICA: Documentos do Magistério da Igreja: Das origens aos nossos dias*. (Tradução: Paulo Rodrigues); n. 4.103, p. 354. Goiás, Diocese de Anápolis; Rio de Janeiro, Mosteiro de São Bento, 2003.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. Loyola, São Paulo, 1994.



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 8, n. 13, jul/dez, 2014, p. 242-261.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. Paulus/Paulinas, CNBB, 13-31 de maio de 2007.

CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA de promulgação do Código de Direito Canônico. São Paulo, Loyola, 2010.

COSTA, Lourenço. (Org.). *Encíclicas de João Paulo II (1978). "Redemptoris Missio"*. (Tradução: Tipografia Poliglota Vaticana). São Paulo, Paulus, 1997. (Documentos da Igreja).

DOCUMENTOS DA CNBB. N. 93. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja do Brasil*. Brasília, Edições CNBB, 2010.

FUENTES, Salvador Valadez. *Espiritualidade Pastoral*. Como superar uma pastoral "sem alma"? São Paulo, Paulinas, 2008.

OLIVEIRA, Pedro Rubens. PAUL, Cláudio (Orgs). *Karl Rahner em perspectiva*. São Paulo, Loyola, 2004.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Bíblia e moral*. Raízes Bíblicas do agir cristão. São Paulo Paulinas, 2009.

PONTIFÍCIO CONSELHO 'JUSTIÇA E PAZ'. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo, Paulinas, 2008.

SCHERER, Odilo Pedro. *Carta Pastoral à Arquidiocese de São Paulo. Paróquia, torna-te o que tu és*. São Paulo, Arquidiocese de São Paulo, 2011.

SILVA, Romero José; GODOY, Manoel. A importância da Pastoral na Formação. In: *CONVERGÊNCIA. Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB*. XLVII, n. 448. p. 84.89-92. Janeiro-fevereiro 2012.

SZENTMÁRTORNI, Mihály. *Introdução à Teologia Pastoral*. São Paulo, Loyola, 1999.

Notas

* A autora é mestranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e participa do grupo de pesquisa *As dimensões proféticas da Religião do Antigo Israel* (PUC-SP).

[†] Cf. CHEVALIER, Jean ; GHEERBRANT, Alain. Pastor. In: *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2000, p. 691.



- ² Cf. PONTIFÍCA COMISSÃO BÍBLICA. *Bíblia e moral*. Raízes Bíblicas do agir cristão, n. 25. São Paulo, Paulinas, 2009, p. 83.
- ³ Cf. PONTIFÍCA COMISSÃO BÍBLICA. *Bíblia e moral*. Raízes Bíblicas do agir cristão, n. 25. São Paulo, Paulinas, 2009, p. 84.
- ⁴ Cf. PONTIFÍCA COMISSÃO BÍBLICA. Op. Cit. p. 86.
- ⁵ Cf. FUENTES, Salvador Valadez. *Espiritualidade pastoral*. Como superar uma pastoral “sem alma”? São Paulo, Paulinas, 2008, p. 83.
- ⁶ Cf. PONTIFÍCA COMISSÃO BÍBLICA. Op. Cit. p. 86.
- ⁷ Cf. PONTIFÍCA COMISSÃO BÍBLICA. Op. Cit. p. 87.
- ⁸ Cf. PONTIFÍCA COMISSÃO BÍBLICA. Op. Cit. p. 87-88.
- ⁹ Cf. PONTIFÍCA COMISSÃO BÍBLICA. Op. Cit. p. 89.
- ¹⁰ “A presença da comunidade, porém, corrige tal impressão: o mal tem dimensão coletiva e igualmente o bem tem uma proveniência e uma destinação coletivas. É identificável a comunidade dos que creem, mas o é também a do mundo ao qual é destinada uma obra de salvação que envolve, junto com a intervenção de Jesus, também a participação dos seus. Se o amor mútuo ordenado por Jesus é mais orientado para os irmãos na fé, a consciência da missão universal é decisiva para uma atitude de responsabilidade favorável”. Cf. PONTIFÍCA COMISSÃO BÍBLICA. Op. Cit. p. 89-90.
- ¹¹ PONTIFÍCA COMISSÃO BÍBLICA. Op. Cit. Ibidem p. 90.
- ¹² SILVA, Romero José; GODOY, Manoel. A importância da pastoral na formação. In: *CONVERGÊNCIA. Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB*. Janeiro-fevereiro, 2012. XLVII, n. 448, p. 89.
- ¹³ Cf. SILVA, Romero José; GODOY, Manoel. Op. Cit. Ibidem.
- ¹⁴ Cf. OLIVEIRA, Pedro Rubens; PAUL, Cláudio (Orgs). *Karl Rahner em perspectiva*. São Paulo, Loyola, 2004, p. 116.
- ¹⁵ FUENTES, Salvador Valadez. Op. Cit. p. 84.
- ¹⁶ FUENTES, Salvador Valadez. Op. Cit. p. 84.
- ¹⁷ Cf. BIZON, José ; DARIVA, Noemi ; DRUBI, Rodrigo. *Ecumenismo 40 anos do decreto Unitatis Redintegratio*, 1964-2004. São Paulo, Paulinas, 2008, p. 73 e 76.
- ¹⁸ Cf. DOCUMENTO DA CNBB, N. 94. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. 2011-2015. Paulinas, São Paulo, 2011, p. 67.
- ¹⁹ Cf. CARTA ENCÍCLICA DE JOÃO PAULO II “*Redemptoris Missio*”. A validade permanente do mandato missionário Paulinas, São Paulo, 1991, p. 47.
- ²⁰ FUENTES, Salvador Valadez. Op. Cit. p. 75.
- ²¹ Cf. SILVA, Romero José; GODOY, Manoel. Op. Cit. p. 90.
- ²² A práxis pastoral constitui o conjunto de atividades concretas, tarefas ou serviços que a comunidade eclesial e cada agente de pastoral realiza em favor das pessoas, comunidades, grupos, instituições, organizações, cooperativas, segundo sua vocação específica e os carismas que Deus lhes tenha outorgado. Tudo isso deve ser orientado ao objetivo comum: implantação do Reino de Deus.
- ²³ A reflexão corresponde à teoria que sustenta a ação, mediante princípios científicos, tanto das ciências teológicas como das ciências humanas, ou seja, que vão fornecer parâmetros para conduzir e ampliar a reflexão no âmbito da ação, bem como da investigação e do estudo acerca da mesma ação e da realidade existente. Isso significa, então, dizer que a pastoral, além de ser ação, é também uma tarefa de estudo e reflexão contínua.
- ²⁴ A espiritualidade constitui a *alma da pastoral*, ou seja, é o motor que impulsiona e dinamiza todo o ministério eclesial. E assim, constrói relações de afeto e amor com os membros da comunidade. E, lida com pessoas em suas necessidades, com seus conflitos e crises. Assumir esse elemento como constitutivo do ministério é um imperativo pastoral de primeira ordem de urgência.
- ²⁵ Cf. SILVA, Romero José; GODOY, Manoel. Op. Cit. p. 91-92.
- ²⁶ Cf. FUENTES, Salvador Valadez. Op. Cit. p. 143-144.
- ²⁷ Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO ‘JUSTIÇA E PAZ’. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo, Paulinas, 2008, p. 145-146.
- ²⁸ Cf. SZENTMÁRTORNI, Mihály. *Introdução à teologia pastoral*. São Paulo, Loyola, 1999, p. 15.
- ²⁹ Cf. FUENTES, Salvador Valadez. Op. Cit. p. 17.
- ³⁰ Cf. FUENTES, Salvador Valadez. Op. Cit. p. 17-18.



³¹ *O Documento de Aparecida* desenvolve a formação permanente. Precisamente porque é permanente, deve acompanhar os sacerdotes sempre, isto é, em qualquer período e situação de sua vida, assim como nos diversos cargos de responsabilidade eclesial que sejam confiados a eles (Cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. Paulus/Paulinas, CNBB, 13-31 de maio de 2007. p. 95-96,98).

³² Como ressalta na parte II “a Palavra de Deus e a Igreja”. Deus nos fala com toda clareza, comunica-se conosco por meio de sua Palavra, que é Jesus Cristo, Verbo feito carne. Cf. Exortação Apostólica Pós-Sinodal “*Verbum Domini*”, n. 194. São Paulo, Paulinas, 2010, p. 101-164.

³³ A vida e o ministério dos pastores desenvolvem-se sempre no contexto histórico, de vez em quando carregado de novos problemas e de recursos inéditos, em que a Igreja, peregrina neste mundo, vai vivendo.

³⁴ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. São Paulo, Loyola, 1994, p. 35.

³⁵ Cf. FUENTES, Salvador Valadez. Op. Cit. p. 19-20.

³⁶ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Op. Cit. p. 12-14.

³⁷ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Op. Cit. p. 39.

³⁸ “O ministro de Cristo deve sentir-se obrigado a viver e a testemunhar esta realidade sempre e em toda a parte, mesmo quando, por causa da idade, for desobrigado de encargos pastorais concretos” (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Op. Cit. p. 44).

³⁹ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Op. Cit. p. 43-44.

⁴⁰ Cf. FUENTES, Salvador Valadez. Op. Cit. p. 32-33.

⁴¹ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Op. Cit. p. 44.

⁴² Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Op. Cit. p. 49-50.

⁴³ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Op. Cit. p. 52-53.56.

⁴⁴ “Pelo sacramento da Ordem, o presbítero é configurado de modo especial com Jesus Cristo Pastor. A vida e missão do presbítero são realidades sacramentais, além dos vínculos jurídico-canônicos e funcionais” (DOCUMENTOS DA CNBB, N. 93 *Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja do Brasil*. Brasília, 2010, p. 32-33).

⁴⁵ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Op. Cit. p. 55.

⁴⁶ Cf. FUENTES, Salvador Valadez. Op. Cit. p. 31-32.

⁴⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Op. Cit. p. 56-57.

⁴⁸ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Op. Cit. p. 59-60.

⁴⁹ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Op. Cit. p. 59-60.

⁵⁰ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Op. Cit. p. 63-66.

⁵¹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Op. Cit. p. 66.

⁵² Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Op. Cit. p. 66.

⁵³ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Op. Cit. p. 68-69.

⁵⁴ Cf. FUENTES, Salvador Valadez. Op. Cit. p. 71.

⁵⁵ De acordo com o Código de Direito Canônico, (CIC, cân. 232-264), há uma preocupação central do legislador em elaborar os modos de proceder na formação dos futuros candidatos ao sacerdócio, nas disciplinas a serem aplicadas na formação espiritual e acadêmica dos futuros presbíteros, pastores. E ainda, os cân. 265-297 descrevem a inserção do sacerdote em uma Igreja Particular; nos seus deveres e direitos, no seu agir e proceder, em suas funções e atribuições; bem como, sua missão, descrita na trilogia clássica de ensinar, santificar e reger, tão utilizada no Vaticano II para expressar e sistematizar as funções do ministério sagrado (Cf. *Constituição Apostólica de promulgação do Código de Direito Canônico*. São Paulo, Loyola, 2010. p. 82-101).

⁵⁶ Scherer, arcebispo de São Paulo, convida todo o povo da Arquidiocese a realizar o tríplice múnus na edificação da Igreja (Cf. SCHERER, Odilo Pedro. *Carta Pastoral à Arquidiocese de São Paulo. Paróquia, torna-te o que tu és*. Arquidiocese de São Paulo, São Paulo, 2011. p. 9-13).

⁵⁷ Cf. FUENTES, Salvador Valadez. Op. Cit. p. 72.

⁵⁸ Cf. FUENTES, Salvador Valadez. Op. Cit. p. 73.

⁵⁹ Cf. FUENTES, Salvador Valadez. Op. Cit. p. 73-74.

⁶⁰ Cf. FUENTES, Salvador Valadez. Op. Cit. p. 75.

⁶¹ Cf. FUENTES, Salvador Valadez. Op. Cit. p.76.

⁶² Cf. FUENTES, Salvador Valadez. Op. Cit. p. 76-77.



⁶³ Cf. FUENTES, Salvador Valadez. Op. Cit. p. 85-86.

⁶⁴ Cf. FUENTES, Salvador Valadez. Op. Cit. p. 191.